

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA

Rita Fabiana Silveira Melo de Moraes

**A ETNOBOTÂNICA GUARANI MBYÁ:  
UM CONHECIMENTO ANCESTRAL**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientadores: Profa. Dr. Tatiana Souza de Camargo  
Prof.º Dr. José Vicente Lima Robaina

Porto Alegre  
2018

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo relatar e refletir sobre a experiência da autora junto à Tekoá Pindó Mirim, Itapuã, na zona rural de Viamão/RS, local onde aconteceram as vivências para elaboração dos registros das plantas e seus processos curativos e preventivos. Dentro desta comunidade, existe a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Nhamandu Nhemopu'ã, a qual sou professora desde 2014. Utilizando a construção do herbário bilíngue, que serviu como atividade disparadora para o levantamento etnobotânico dos saberes e fazeres ancestrais, as rodas de conversas e saídas na mata foram essenciais nesta pesquisa. Considerando que a educação do campo é uma área que envolve a educação indígena, neste trabalho apresentarei brevemente sobre a educação do campo e aprofundarei mais sobre a cultura e a educação indígena. Os conhecimentos ancestrais sobre o uso das plantas medicinais nos processos de cura e a espiritualidade são os temas que foram observados e estudados nesta prática, para que assim fosse criado um diálogo intercultural voltado aos ensinamentos deste povo.

**Palavras Chaves:** Guarani Mbyá. Etnobotânica. Conhecimento ancestral. Herbário bilíngue.

## ABSTRACT

The article aims to report and reflect on the experience of the author with Tekoá Pindó Mirim, Itapuã in the rural area of Viamão/RS, locality where the experiences to elaborate the records of the plants and their curative and preventive processes has happened. Within this community there is Nhamandu Nhemopu'ã State Indigenous School of Primary Education, where I have been a teacher since 2014. Using the construction of the bilingual herbarium which served as a strategic activity for the ethnobotanical knowledge and ancestral works, the Yarning circle and to hike in the woods were essential in this research. Considering that education in the countryside is a area that involves indigenous education, in this paper I will present briefly on the education of the countryside and will go deeper into the culture and indigenous education. Ancestral knowledge about plant use in healing processes and spirituality are the themes that have been observed and studied in this practice, so that a intercultural approach to the teachings of this people.

**Keywords:** Guarani Mbyá. Ethnobotany. Ancestral knowledge. Bilingual herbarium.

## INTRODUÇÃO

Este artigo traz o resultado de uma pesquisa conduzida dentro da <sup>1</sup>*Tekoá*<sup>2</sup> *Pindó*<sup>3</sup> *Mirim*, uma terra indígena Guarani *Mbyá*<sup>4</sup>. Nela, utilizamos a construção de um herbário bilíngue como estratégia disparadora para um diálogo intercultural, articulando elementos de etnobotânica e Educação do Campo, para pensarmos sobre o uso das plantas nos processos de cura e cuidado na cultura Guarani *Mbyá* e não como um estudo tabelado com intuítos farmacológicos.

Os relatos contidos neste texto são fruto de uma experiência (trans)formadora vivenciada como professora da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental *Nhamandu Nhemopu'ã*<sup>5</sup>, e como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza (Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Como objetivo, buscou-se acompanhar as atividades na trilha e nas rodas de conversas com os *Karai*<sup>6</sup>, sendo que o tema abordava os usos e saberes relacionados às plantas na cultura Guarani *Mbyá*.

É importante considerar minha vivência desde a infância com indígenas, onde nasci e moro, atualmente, a poucos quilômetros de *Tekoá Jata'ity*, no Canta Galo, zona rural de Viamão/RS. Nas escolas do bairro, onde estudei com alguns indígenas, foi onde, pela primeira vez, percebi o quão difícil era a educação para os povos do campo, neste caso os Guarani *Mbyá*. Trabalhei como professora em 2011 na Escola Indígena *Karai Arandu*, dentro da *Tekoá Jata'ity*, seguindo até 2014. Neste mesmo ano, iniciei na Escola Indígena *Nhamandu Nhemopu'ã*, a qual estou vinculada atualmente. Estas vivências da minha infância e juventude foram essenciais na escolha de ser professora, principalmente, na escolha de trabalhar junto à comunidade indígena. Reflito que essas experiências foram fundamentais para minhas análises e discussões neste artigo.

## ETNOBOTÂNICA INDÍGENA

---

<sup>1</sup> As palavras escritas em Guarani Mbyá estarão destacadas em Itálico.

<sup>2</sup> Aldeia, Terra Indígena.

<sup>3</sup> Palmeira pequena.

<sup>4</sup> Ramificação dos descendentes de Guarani nascidos na região Sul.

<sup>5</sup> Despertar do Divino Sol.

<sup>6</sup> Sábio; Pessoa mais velha.

Desde os tempos antigos, o homem recorre aos recursos vegetais, através da utilização de plantas com finalidades medicinais, buscando melhorar suas condições de existência (BENVENUTI, 2013).

Em 1896, o termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez pelo botânico norte-americano Harshberger, para descrever o estudo de “plantas usadas pelos povos aborígenes”, auxiliando na elucidação da posição cultural das tribos indígenas (COUTINHO; TRAVASSOS, 2002).

Diversos estudos etnobotânicos vêm sendo desenvolvidos no Brasil e no mundo, buscando conhecer a medicina popular de povos tradicionais e as formas de organização desses conhecimentos.

## **A CULTURA GUARANIMBYÁ**

Sobre a organização dentro da *Tekoá Pindó Mirim*, os Guaraní organizam-se em torno da liderança escolhida pela comunidade, chamados *Karaí*, cujo sentido é indicar à comunidade a direção do lugar buscado. Também temos os conhecedores dos cantos e danças. Na cultura Guaraní *Mbyá*, conforme a tradição, os homens caçam, pescam, coletam e abrem as clareiras nas matas para os roçados onde as mulheres semeiam, colhem e preparam os alimentos.

A espiritualidade ocupa um importante lugar dentro da cultura, assim como a alimentação típica, sendo que o ato de comer tem aspectos simbólicos e sagrados. Alimenta-se o corporal e também o espiritual. Esta alimentação diferenciada tem relação com outros seres que habitam o cosmo, como, por exemplo, pela relação dos animais e deuses, podendo assim transformar-se nos mesmos. Portanto, alimentação Guaraní *Mbyá* tem regras. Segundo a cosmologia Guaraní *Mbyá*, a principal divindade é *Nhanderu*, que é o criador deste universo, responsável pela criação das plantas e dos animais para servir de alimento aos indígenas. Porém, este estabeleceu regras sobre como o alimento deveria ser adquirido. O povo Guaraní *Mbyá* realiza uma série de ritos para a caça, a coleta e o cultivo. A obediência, ou não, a este sistema de crenças, determina o sentido em que se dará a transformação em animal ou em deuses.

Retratando um pouco mais desta cultura, um dos elementos sagrados utilizados dentro da *Tekoá* é a construção da *Opy*<sup>7</sup>, que é feita no coletivo, por todos, utilizando a madeira ou taquara, barro nas paredes e palha no telhado. Abaixo uma citação (fala) de um dos *Guarani Mbyá*, onde esta e as demais falas serão identificadas pelas iniciais dos seus nomes.

A *Opy* é um lugar sagrado na vida da *Tekoá*, lá é onde damos nomes às crianças, as sementes são preparadas para uma nova lavoura, onde cantamos e dançamos, escutamos os conselhos dos *Karái*, os processos de curas e noções espirituais são invocadas, a celebração dos mortos, o fumar do *petynguá*. Enfim, tudo! (K.M.).

Os *Guarani* se reúnem para as rodas de conversas com os *Karái*, a fim de exercitar o canto e dança, para os rituais de cura, na preparação do nascimento e da morte. Um dos elementos que está presente em todos estes momentos é o *Petynguá*<sup>8</sup>, a fumaça dele tem diversas finalidades, como: nos momentos das danças de agradecimentos, de guerra e de proteção, a fumaça do *Petynguá* é o processo utilizado para chegar até *Nhanderu*, criando uma conexão com os seres superiores que vêm para auxiliar os *Guarani* com um propósito. Por exemplo, quando uma pessoa está doente, é invocado o espírito de um *Pajé*<sup>9</sup> para ajudá-los nos processos de cura, o qual, normalmente, envolve as ervas medicinais, a fumaça do *Petynguá*, alguns elementos da natureza (babosa, raízes, mel, óleo de animais) e o canto e dança. Todos estes processos ocorrem dentro da *Opy* e com a presença de todos da *Tekoá*, formando uma espécie de corrente espiritual da cura.

### **TEKOÁ PINDÓ MIRIM**

A Terra Indígena *Pindó Mirim*, foi doada pelo Estado para os indígenas *Guarani Mbyá*, já demarcadas pela FUNAI, tendo sido fundada em 10 de setembro no ano de 2000, e situando-se na Estrada do Gravatá, 539, na Vila de Itapuã – Zona Rural – Viamão/RS.

---

<sup>7</sup> Casa de reza.

<sup>8</sup> Cachimbo, onde é transmitida a fumaça sagrada.

<sup>9</sup> Benzedor; Curador.

Quando chegamos nesta terra seca e cheia de árvores inúteis (eucaliptos) senti uma angústia, mas aos poucos Nhanderú foi me mostrando o caminho e fui plantado as nativas e cortando as que não serviam. Naquela época, outras famílias dos meus parentes vieram para ajudar e hoje veja como está bonito. (KARÁI NHE'E KATU – TURÍBIO GOMES).

A primeira família a morar nesta comunidade foi a do Sr. Turíbio Gomes. Atualmente, a comunidade é composta por 19 famílias, num total de 80 integrantes, sendo organizada e representada pelo Cacique Arnildo Verá Moreira, juntamente com um grupo de conselheiros. A comunidade produz e comercializa seu artesanato e plantio de sementes tradicionais utilizando como um complemento para o sustento das famílias. Além disso, a comunidade busca participar de projetos, como a Semana Cultural, no mês de abril, e a Noite Cultural, no mês de agosto, ambas as atividades sendo realizadas em parceria com a escola e algumas instituições, entre elas: o Museu da UFRGS, Planetário da UFRGS, Escola Amigos do Verde, entre outras. Todas as atividades envolvem a cultura tradicional Guarani *Mbyá*, articulando integração com a sociedade ocidental para o conhecimento e respeito ao povo originário.

Sendo assim, desmistificando preconceitos e estereótipos que são passados dentro e fora das escolas, os visitantes vivenciam um pouco do dia a dia dos indígenas e conhecem a história verdadeira dos povos originários na roda de conversa com o Cacique. Também há a trilha criada pelos Guarani, onde os visitantes (re)conhecem os seus limites e testam o seu respeito pela natureza. A *Kunhã*<sup>10</sup>*Karái*, Dona Laurinda, explica que: “Devemos pedir licença para os deuses da mata. Fazendo assim, entramos e saímos da mata sem nenhum mal físico e espiritual.”

Na comunidade, há também o Grupo de Canto e Danças *Nhamandu*, que através de suas apresentações, leva a riqueza tradicional do seu povo Guarani *Mbyá*, sempre acompanhada de palestra dos *Karái*, sendo uma das principais atividades de fortalecimento espiritual e dos costumes milenares deste povo.

## **EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO: EDUCAÇÃO INDÍGENA**

---

<sup>10</sup>Mulher mais velha; Sábia.

A Educação do/no Campo está vinculada diretamente aos saberes populares das comunidades, tendo como base a organização coletiva dos sujeitos destes movimentos sociais e culturais que fortalecem o direito por uma educação de qualidade para todos, tendo os sujeitos como seres de direito que buscam construir uma educação embasada na igualdade, cidadania e justiça.

Educação do Campo vai muito além de uma forma diferenciada de ensino/aprendizagem, é a luta por uma escola pensada pelos sujeitos de direito, ou seja, por aqueles que foram excluídos e que não puderam frequentar aquele espaço de direito, como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caiçaras, dentre outros que, ao se afirmarem como sujeitos de direito, colocam-se na luta por uma escola construída, na qual moram e lutam por uma educação pensada a partir de suas especificidades, com base na prática dialógica, envolvendo as relações educação-comunidade, dentre outras, que transformem o campo e que acima de tudo os transforme.

Quando situamos a educação como um processo de transformação humana, de emancipação humana, percebemos quanto os valores do campo fazem parte da história da emancipação humana. Então como a escola vai trabalhá-los? Será que a escola vai ignorá-los? Será suficiente pegar o livro da cidade e apenas adaptá-lo? A questão é mais fundamental, é ir às raízes do campo e trabalhá-las, incorporá-las como uma herança coletiva que mobiliza e inspira lutas pela terra, pelos direitos, por um projeto democrático e que também pede educação. (ARROYO, 1998, p.80).

A valorização dos saberes ancestrais, dos espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem são respeitados e valorizados, sobretudo, porque é difícil imaginar que o processo educativo aconteça apenas em um único espaço, ficaria restrito a espaços escolares formais, como, salas fechadas. Entretanto, concebê-lo dessa maneira é desrespeitá-lo em sua totalidade, é não compreendê-lo enquanto processo composto por diferentes pessoas, momentos e espaços, além de ser um entendimento fragmentado, considerando-se que a educação está envolvida nas diversas dimensões da sociedade. A partir das discussões propostas neste trabalho, abordarei um pouco mais sobre a educação indígena, que é a qual participo/vivencio.

A educação Indígena vai muito além do espaço físico da escola e dos saberes ali desenvolvidos: a educação acontece a todo tempo em todos os espaços. “A escola já é parte da vida do Guarani”, disse a estudante Janaína Moreira. Os

Guarani estão, aos poucos, apropriando-se desta ferramenta nova que é a escola, adequando-a assim ao seu modo de vida.

Predominam, entre os Guarani, duas formas de aprender. Uma está ligada ao esforço pessoal: é a busca, desencadeada pela curiosidade que se desenvolve na pessoa, desde pequena. A outra é revelação e se relaciona à primeira, pois, para receber a revelação das divindades, a pessoa também faz um esforço para viver de acordo com o *NhandeReko*. (BERGAMASCHI, 2007, p. 54).

Este jeito de ser guarani é constituído ao longo do tempo e existem duas formas de aprender, a primeira está ligada ao esforço pessoal, a curiosidade de saber e aprender, a outra está ligada mais ao espiritual, onde tudo deve estar conectado e pleno para receber a revelação das divindades. Ambas são representadas pela palavra *Arandu*: ara = tempo e *ñendu* = sentir, experimentar. Desta maneira, *Arandu* significa sentir ou experimentar o tempo, sendo que estas formas de aprender estão ligadas ao tempo. Portanto, uma pessoa que possui mais tempo de vida passa a ser um *Karaí* e, automaticamente, torna-se mais respeitada por todos da comunidade. Os *Karaí* são os guardiões destes saberes e fazeres do jeito de ser Guarani, onde tudo deve acontecer no seu tempo. Os sábios mais velhos são “bibliotecas vivas”, onde aprendemos na escuta dos conselhos, afirma o professor indígena Arnildo Verá, da *Tekoá Pindó Mirim*.

A escuta e a observação dos saberes que são passados através da oralidade, inspiram os demais que os rodeiam, sendo que o respeito não é apenas pelos *Karaí*, mas sim, por todos que ali estão, tendo o silêncio como uma forma de comunicação.

## **A ESCOLA**

Em 04 de abril de 2011, o Conselho Estadual dos Povos Indígenas (CEPI), juntamente com o Departamento de Cidadania e Direitos Humanos e a Secretaria da Justiça e Desenvolvimento Social, enviaram o ofício 051/2011 para o Secretário Estadual de Educação, solicitando a contratação de um educador indígena para a comunidade guarani de Itapuã. No referido ofício, é enfatizado que a criação da escola, nesta comunidade, trata-se de uma reivindicação antiga. Em maio de 2011, a assessoria pedagógica da 28ª Coordenadoria Regional de Educação, visitou a comunidade da *Tekoá Pindó Mirim* juntamente com o coordenador da educação



indígena da Secretaria de Educação do Estado. Após a visita, foi enviado um relatório solicitando abertura do processo de criação da Escola. Para tanto, o cacique, na época o Sr. Turíbio, informou que a comunidade gostaria de dar o nome à escola e, em documento assinado pela mesma, optaram pelo nome *Nhamandu Nhemopu'ã*.

[...]Guarani considera a sociedade como um todo, em que a educação não se separa, espacial e temporalmente, das demais práticas. A educação não se restringe à Opye, tampouco, aos conhecimentos escolares. (BERGAMASCHI, 2007, p. 81).

O motivo para se ter uma escola na comunidade indígena Guarani *Mbyá*, caracteriza-se pela escola estar inserida dentro da comunidade, sendo então compreendida e utilizada como um “portal” de trocas e transmissão de conhecimentos entre os dois mundos: o mundo guarani e o mundo do *Juruá*<sup>11</sup>, reconhecendo os valores das diferentes culturas e agregando-as dentro do cotidiano dos estudantes e da comunidade. Tais informações estavam presentes no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, além disso, este foi construído em coletivo com a comunidade e a escola.

A escola é uma ferramenta muito importante para a nossa compreensão da sociedade ocidental e para a sociedade compreender e respeitar o nosso modo de vida. Por ser uma instituição estatal, este espaço nos proporciona um diálogo mais direto com a política externa, com setores e autoridades governamentais facilitando a legitimidade dos direitos garantidos pela Constituição Federal, na prática de uma Educação Escolar Indígena com uma Pedagogia. (PPP, 2015, p. 24).

Esta pedagogia diferenciada foi compreendida por nós como um desafio de se exercer uma prática de ligação entre esses “dois mundos”, afinal, são duas linhas de pedagogia: uma onde se deveria aplicar a pedagogia padrão da sociedade, com os conteúdos desenvolvidos em outras escolas; e, a segunda, um conjunto entre a transmissão dos conhecimentos que nos ensinam a viver a vida de acordo com o sistema ancestral de Ser Guarani (Pedagogia Guarani), sem sobreposições. Este processo foi importante, pois, cada uma das linhas tinha o seu valor.

Além dos documentos da escola, os Guarani possuem outras leis específicas sobre a educação escolar bilíngue, onde nada deve ser imposto, fazendo com que

---

<sup>11</sup> Não indígena.

tudo possa acontecer naturalmente, e nós, educadores, devemos respeitar e aguardar o tempo de cada estudante.

Os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária, conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena. Seguindo o regime de colaboração, posto pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a coordenação nacional das políticas de Educação Escolar Indígena é de competência do Ministério da Educação (MEC), cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas. (FUNAI, 2018, p. 3).

A escola indígena é bilíngue, não por ser um sistema já constituído pela forma Institucional Escolar e pelas leis que a regem, mas sim, por ser um espaço de convivência natural de duas línguas.

Em minha experiência como professora na escola indígena, desde 2014 até hoje, percebi que a língua portuguesa somente era usada quando necessário, pois, entre eles, conversavam o tempo todo na língua materna, neste caso, o Guarani.

Dessa maneira, em todos os momentos do espaço escolar e não-escolar vivenciava-se a aprendizagem das linguagens. Os estudantes gostavam de ensinar as palavras e expressões em Guarani, tendo muita paciência em reproduzir diversas vezes a mesma palavra, por exemplo: *Javyju /Díavãdiu/* (Bom dia).

Segundo Perrenoud (2001), devemos entender as diferenças que nos cercam e, assim, adequarmos o currículo a cada situação, território e escola, afinal, não podemos ser indiferentes com as diferenças socioculturais.

Se o objetivo é dar a todos a chances de aprender, quaisquer que sejam suas origens sociais e seus recursos culturais, então, uma pedagogia diferenciada é uma pedagogia racional. Diferenciar é, pois, lutar para que as desigualdades diante da escola atenuem-se e, simultaneamente, para que o nível de ensino se eleve. (PERRONOU, 2001, p. 31).

O papel do educador, neste contexto, é entendido como um facilitador, mediador, aprendiz da trajetória, aliado na construção de um ideal “fazer pedagógico” deste elo entre os dois mundos, ou seja, um porta-voz desta relação da ligação e seus obstáculos. “A cada dia estamos reconhecendo a diversidade e também a ciências da natureza que nos rodeia e agregando nos conteúdos da escola a serem estudados.”(PROFESSOR GUARANI).

Segundo os *Karaí*, a escola na *Tekoá* só foi aceita para que os jovens Guarani pudessem saber e interpretar qual a lógica da cidade, sabendo como agir para se tornar um representante e defensor de seu próprio povo em condição de nível acadêmico, político institucional e governamental dentro da sociedade ocidental, já que, para ser ouvido dentro deste sistema capitalista e individualista, se faz necessária tal condição social. Enfim, esta é a visão de escola dentro da *Tekoá*, não sendo um modelo pré-determinado por alguma Secretaria ou por conceitos já existentes nesta sociedade. O desafio, nesse sentido, foi construir uma condição escolar que se apropriasse desta interferência, utilizando-a de uma forma favorável para a comunidade em que estava inserida.

## **JUSTIFICATIVA**

Antes de definir qual seria o tema ou linha de pesquisa deste trabalho de conclusão, dialoguei com a liderança e reuni-me com a comunidade para tratarmos sobre a pesquisa, buscando saber se haveria a permissão do registro (entrevistas, filmagem, fotografia, escrita). Após a reunião, ficou acertado que não haveria nenhum empecilho para a pesquisa e que a comunidade ajudaria, caso necessário. Desta maneira, este tema vem sendo pensado desde o início do curso, tendo como ideia inicial investigar os processos de cura, os saberes e fazeres ancestrais, os ensinamentos que são passados de geração a geração, enfim, tudo isso é ensinado através da oralidade.

A delimitação da minha linha de pesquisa foi mais intensa por causa do Projeto de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), onde a ideia de estudarmos a Etnobotânica Guarani *Mbyá* foi sendo construída coletivamente com os/as professores/as do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, em especial o professor José Vicente Lima Robaina e a professora Tatiana Souza de Camargo, além, é claro, da comunidade da *Tekoá Pindó Mirim*. Ao longo dos nossos encontros para orientação, constatamos poucos registros de estudos etnobotânicos da Cultura Guarani *Mbyá*, e, portanto, este fato instigou ainda mais nosso trabalho sobre este tema.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS/MÉTODOS**

A pesquisa foi realizada na Terra Indígena *Pindó Mirim*, especificamente com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, o vice Cacique Arnildo e os *Karaí*. Os espaços não escolares, como, a trilha e os demais territórios da comunidade em si, também foram espaços descritos por esta comunidade indígena Guarani *Mbyá*.

Dessa forma, a atividade iniciou com o diário de campo onde eu registrava tudo que surgia nas rodas de conversa e nos momentos informais como, por exemplo, a hora do almoço, na sala de aula, nas brincadeiras do recreio, entre outros. Neste processo, aprendi a observar e ouvir com mais cuidado os conhecimentos que ali perpassavam.

Para o levantamento etnobotânico, foram realizadas saídas de campo na mata e rodas de conversa com os *Karaí* e, a partir dessas conversas, foram obtidas informações sobre os saberes e fazeres com as plantas, como: nome na língua materna, localização, parte usada, modo de preparo, ritual, indicações e contraindicações. As organizações das rodas de conversas foram feitas pelos estudantes nas terças-feiras, onde alguns deles eram os tradutores das questões que estavam sendo pesquisadas, enquanto outros foram registrando e fazendo filmagens e fotografias destes encontros. Estes métodos de estudo inserem-se no campo da pesquisa qualitativa.

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.26).

Este tipo de pesquisa permite que o pesquisador aproxime-se mais da perspectiva da comunidade, sendo assim um contato pessoal, uma experiência direta.

A partir disso, o herbário bilíngue foi um instrumento que englobou muito além de dados sobre as plantas: nele constaram os processos curativos e espirituais que envolviam esta determinada comunidade indígena Guarani *Mbyá*. Além disso, os espécimes citados neste levantamento etnobotânico foram coletados na aldeia sob a orientação dos *Karaí* e do vice Cacique Arnildo, sendo que o melhor dia e horário foi decidido pela comunidade. Assim sendo, esta saída foi conforme a vontade da comunidade.

As plantas escolhidas foram separadas utilizando-se jornais, algumas tendo sido nomeadas e classificadas com auxílio dos *Karaí*. O material organizado foi levado para a bolsista Luciana de Andrades Raldi<sup>12</sup>, a qual secou para compor o herbário, tendo esse várias utilidades: um deles ficou exposto na Casa Cultural *Xôndaro*<sup>13</sup>, para todos os visitantes apreciarem um pouco do conhecimento ancestral dos Guarani *Mbyá* da *Tekoá Pindó Mirim*. E o outro ficou organizado em forma de um catálogo, por ser de fácil manuseio, podendo ser levado pelos Guarani para as rodas de conversas em outras *Tekoá* e nas visitas que recebem. De forma semelhante, os professores também poderão utilizá-lo nos diversos espaços escolares e não-escolares da comunidade.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Para analisar o potencial da estratégia do herbário em promover o diálogo entre culturas e nos permitir pensar sobre a sabedoria do uso das plantas nos processos de cura e cuidado, utilizamos os registros do diário de campo.

Nas rodas de conversa o conhecimento (re)nasceu para os/as estudantes, encantando-me a cada encontro. Sob orientação dos *Karaí*, o vice Cacique Arnildo Espíndola e o estudante Gabriel Timóteo orientaram as saídas de campo na mata e a coleta dos espécimes, as quais foram selecionadas a partir da vontade da própria comunidade, a fim de que estas pudessem ser dialogadas e expostas no herbário bilíngue que foi confeccionado com auxílio dos professores José, Tatiana e a bolsista Luciana. O indígena Paulo *Karaí* ressaltou que: “O primeiro passo para se conviver com os Guarani *Mbyá* é ouvir sem interromper, pois se tu vens já com o pensamento poluído, fechado, não dá!”

Listarei abaixo algumas plantas e seus usos, mas cabe ressaltar que a coleta destas serviu como instrumento deste estudo, sendo que estes métodos curativos e preventivos são de uso exclusivo dos Guarani. Portanto, deve-se fazer o uso destes ensinamentos dentro da cultura Guarani *Mbyá*. Ao longo do caminho na mata, o vice Cacique Arnildo e o estudante Gabriel explicavam e contavam como aquela planta havia surgido para os Guarani, sendo que todas as explicações foram feitas nas

---

<sup>12</sup> Aluna do Curso Licenciatura em Educação do Campo: ciências da natureza, bolsista do Programa Ciência na Sociedade, Ciência na Escola.

<sup>13</sup> Dança do guerreiro; dança de esquiva.

duas línguas, para que eu também pudesse anotar e enviar para a Prof.<sup>a</sup> Tatiana e a bolsista Luciana.

## **PROTEÇÃO**

*Manduta/Chincho* - serve para espantar *o mal*.

Em meio a tantas plantas coletadas, o Gabriel chamou atenção e focou-se em explicar a *Manduta/Chincho*, a qual serve para espantar *o mal*. Com esta planta, deve-se pedir permissão aos seres da mata para arrancar as folhas, depois colocá-las ao redor de onde o indígena estiver ou for dormir. Em seguida, a pessoa pode ficar tranquila, pois nenhum animal virá devorá-la, também protegendo-a dos espíritos malignos que virão atormentá-la. Sendo assim, o indígena ficava protegido o tempo em que estivesse dentro do círculo, sendo possível fazer um círculo maior para também proteger a família. Ressalta-se que, antigamente, esta planta servia também para afugentar os não-indígenas que tentavam prejudicá-los.

*Pyno/Ortigão* - é uma planta que, quando coletada sem o devido cuidado e respeito, causa queimaduras graves com bolhas. Também faz-se o chá da raiz para dor na bexiga e, antigamente, utilizava o *Pyno* como proteção contra os maus tratos dos *Juruá*.

Sobre o fato de que os Guarani possuíam plantas que auxiliavam na proteção contra os maus tratos causados pelos nossos antepassados, acabei sentindo uma certa culpa por ser descendente, mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz por poder vivenciar como, atualmente, esta relação era tolerada pelos indígenas, onde nós, *Juruás*, circulamos e interagimos sem sermos julgados pelas atitudes do passado. Os Guarani são um povo que vive construindo a paz e o respeito entre todos, por isso, não se afastam, bem pelo contrário, se existem *Juruá* que querem ajudar a comunidade, eles aceitam e não julgam.

## **DOENÇAS RESPIRATÓRIAS**

Em tempos de inverno rigoroso aqui no Sul, as friagens e chuvas excessivas eram frequentes, fazendo com que os Guarani fizessem um fogo de chão. Ao seu redor, pediam para os espíritos que ao ajudassem com estas doenças e, aos poucos, iam preparando os seus chás e compressas.

*Pipi/Guiné* - a raiz da planta era utilizada para doenças respiratórias e inflamatórias.

*Pyno/Ortigão* - a água que tem dentro do caule era espremida e servida para gripe e tosse.

*Yaro/Percigueiro* - utilizada para tirar o frio do corpo (sangue frio), pé gelado e dores de cabeça do frio.

*Yxonguy* - ferver e beber o líquido ainda quente auxiliava para curar o “mal da gripe” e resfriado. Esta foi bem difícil de localizar, pois era uma planta bem comum e muito parecida com as demais existentes na mata.

Questionei sobre este “mal” e pedi para ele explicar um pouco mais sobre o conceito de mal que os Guarani *Mbyá* acreditavam. Ele explicou que o mal é tudo aquilo que interferia no bem-estar físico e espiritual do Guarani. Na maioria das vezes, o mal que atingia o físico e prejudicava diretamente o espiritual, porque o Guarani tinha uma rotina não só para o físico, mas também para o espiritual. Quando o Guarani acordava, ele sentava-se com os mais velhos ao redor do fogo de chão, com o chimarrão e o *petyngué* para ouvir os conselhos dos mais velhos sobre o despertar deste novo dia. A noite, os Guarani se reuniam novamente em volta do fogo de chão, só que neste caso, ele estava localizado dentro da *Opy*, onde as *kyringue*<sup>14</sup> dançavam e cantavam para fortalecer *Nhanderu* e o modo *Nhande Rekó* de viver. Segundo o *Karaí*: “É como se quando cantássemos para o bem físico e espiritual de todos. Sempre pedimos em grupo.”

Deste modo, quando o Guarani estava doente não conseguia cumprir os rituais durante o dia e a noite, isso o enfraquecia, deixando-o distante do seu modo de viver. “Isso é como uma vitamina, um fluído do bem viver, onde todos juntos ficam mais fortalecidos.”

## **ESTÔMAGO E PELE**

O *Jaurandi/Jaborandi* - utilizado no tratamento de diarreia, dor no estômago e cólica.

---

<sup>14</sup> Crianças.

*Yvyra Putã /Cajarana* – utilizada para tratar mal-estar e tonturas, sendo uma planta muito forte e que deve-se tomar cuidado quando for beber, pois tem uma quantidade certa para cada pessoa.

*Pa'i Ruguai/Carqueja* – dor de respiração, feridas na cabeça, vômito, dor de barriga.

*Pakova Rogue/Bananeira* – cortava-se a folha e o líquido que saía era pingado na boca da criança que tinha sapinho ou qualquer doença de boca.

O limoeiro é uma planta comum aos nossos costumes e, para os indígenas, o suco do limão era um grande aliado na digestão e limpeza do estômago. Arnildo explicou que: “Quando uma pessoa engasga com espinha de peixe, o guarani corta a tampa do limão e espreme dentro da boca da pessoa engasgada.” O processo era feito desta maneira: a pessoa que engasgava com a espinha de peixe erguia bem a cabeça, abria a boca, espremia-se o limão e deixava-se o suco do limão descer lentamente pela garganta. A espinha, dessa forma, ia amolecendo e afrouxando da garganta, descendo junto com o suco para o estômago.

*Pengue Poã/Quebra-Pedra* - era utilizada para dores na bexiga e rins, mas tinha uma especificidade, pois os Guarani utilizavam esta planta junto com a erva mate, no caso dentro do chimarrão, de maneira mais preventiva do que curativa. Já na nossa cultura, utilizamos como chá e bebemos uma determinada quantidade até aliviar as dores ou eliminarmos as pedras.

*Guapo'y* - planta para curar abscessos, que era quando o Guarani estava com o “sangue sujo”, podendo-se beber e fazer compressas. Estes abscessos eram desenvolvidos através da má alimentação, sendo uma condição de saúde que os deixava muito fracos e febris.

Como já citei neste artigo, os Guarani atribuíam muitos destes sintomas a má alimentação, por que, além da espiritualidade, outro fator que ocupava um importante lugar dentro da cultura era a alimentação típica. Segundo a *Kunhã Karai* Dona Laurinda: “Nós, os *Mbyá*, devemos respeito e gratidão a *Nhanderu* por nos deixar comer os alimentos da terra que ele criou, e é ele quem pode tirar de nós, e não as leis dos *Juruá*.” Sobre os problemas com abscessos, atualmente há vários casos de indígenas com abscessos. Perguntei para o Arnildo se existiam outros tratamentos que os ajudavam na cura, e a resposta veio imediata: “Existem vários tratamentos, as ervas que tratam o sangue, mas às vezes não dão conta.” Percebi



que, mesmo que eles utilizassem as plantas certas, os abscessos viriam, por que a alimentação não estava de acordo com o modo de viver Guarani.

## **CICLOS DE VIDA**

*Ameremboi* - era uma planta que deveria ser manipulada somente pelas mulheres da aldeia, devendo ser feito um chá das folhas, sendo servido morno e utilizado para controlar o sangue excessivo ou hemorragia. Para as jovens, também servia para regular a menstruação.

*Memby Rakujá* - uma planta utilizada para as mulheres que querem engravidar, sendo preparada pelas mulheres para aquela que deseja ter filhos. Mas, Arnildo reforçou que, para as mulheres *Mbyá* que tocavam ou ficavam olhando muito para a planta, acabavam engravidando também. Além disso, o casal que desejava uma boa vinda do filho deveria colocar a planta junto a erva mate e tomar o chimarrão somente entre o casal, auxiliando e preparando o espírito da criança que viria. Da mesma maneira, simbolizava que o casal estava em sintonia para receber esta criança.

*Memby Venjá* - planta usada para regular a fertilidade dos homens Guarani.

A concepção de família dos Guarani deveria ser de comum acordo entre os dois (homem e mulher). Assim, como existiam as plantas de regulação do ciclo menstrual e fertilidade, também existiam as plantas que atuavam como prevenção em ambos os sexos. As mulheres Guarani não utilizavam nenhum contraceptivo industrializado, pois, segundo alguns relatos: “a mulher Guarani que toma pílula dá pra ver pelo corpo. O corpo mostra, não tem como tomar escondido.” Percebi também a preocupação delas com os malefícios causados à saúde da mulher indígena, os quais afetava toda a família. Entretanto, elas ressaltavam que alguns Guarani utilizavam camisinha como método de proteção e fertilidade, sendo este o único.

No mesmo dia de coleta das plantas, a Patrícia Jaxuka Dinarte pegou a *Memby Rakujá* e pediu licença aos deuses e ofereceu-me. Fiquei muito emocionada e agradecida por estar ali vivenciando aquele momento de carinho e atenção, pois eu gostaria de engravidar neste ano. A Patrícia explicou-me que devo colocar dentro do chimarrão e sentar junto ao meu marido (Marcelo) dentro da nossa casa, reforçando que: “Às vezes devemos desocupar a cabeça e concentrar no que

queremos, é um momento de vocês.” Respondo que dentro da minha cultura era muito difícil desligar-se completamente das demandas externas (risos), mas que eu tentaria exercitar estes ensinamentos. Este foi mais um exemplo que estes não são simples conhecimentos que nós (Juruá) podemos utilizar sem a permissão e orientação dos Guarani.

Outro momento interessante foi quando o Arnildo e Gabriel explicaram que, quando se tinha pouco de uma determinada planta, eles não a usavam. O respeito pelo ciclo da planta e sua maneira de reprodução é aguardada. Os Guarani não usavam os benefícios que a mata oferecia até que eles acabassem, pelo contrário, as plantas eram utilizadas somente quando necessário, sendo sempre replantadas dentro da mata para que toda a comunidade continua se beneficiando delas. Arnildo ainda reforçou que: “Dentro da aldeia tudo é comunidade. As plantas, os *Mbyá*, o céu, a terra, tudo que está ali é natureza. E um depende do outro para viver.”

## **CONCLUSÃO**

Nesta vivência que tive dentro da Tekoá Pindó Mirim, percebi que o desenvolvimento do trabalho foi bem positivo e com muito respeito à cultura e suas especificidades, como: o tempo, a língua materna, o espaço físico e cosmológico. A relação foi criada aos poucos e, naturalmente, as rodas de conversas, as saídas na mata e a produção do herbário bilíngue aconteceram dentro do modo Guarani de se viver, *Nande Rekó*. Somos nós (Juruá) que temos pressa e queremos “tudo” para ontem, enquanto que para o povo Guarani, é tudo ao seu tempo.

Sobre os saberes e fazeres dos tratamentos e prevenções dos Guarani *Mbyá*, estes não eram apenas medicinais, mas sim, conhecimentos ancestrais onde não bastava apenas retirar a planta da mata e preparar o chá ou compressa: era uma concepção de saúde que ia além do entendimento corporal e espiritual. Estes saberes e fazeres acompanhavam os Guarani através dos ensinamentos passados por meio da oralidade e da vivência dentro da *Tekoá*. Da mesma forma, estes temas faziam parte dos planejamentos e organização da Escola *Nhamandu Nhemopu'ã*, aonde os planos de aula eram construídos de forma coletiva junto à comunidade, sem sobreposição de conhecimentos, mas sim, com uma linearidade, como uma “caminhada de mãos dadas” entre as culturas, onde os saberes ancestrais estavam presentes em todos os espaços, escola e arredores.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por permitir que eu conseguisse concluir mais esta etapa da minha caminhada profissional e pessoal. Agradeço minha família por todo apoio e compreensão nesta trajetória, em especial ao meu pai Walter (in memorian) que onde quer que estejas nunca deixou de me amar, nem de confiar em mim. A minha mãe Iracema pelos doces beijos e abraços sempre acompanhados de conselhos aconchegantes. Ao companheiro de aventuras escolares, acadêmicas, indígenas e de vida meu amado marido Marcelo.

Ao povo Guarani Mbyá da Tekoá Pindó Mirim, por toda acolhida e diálogo, por se fazerem presentes nesta caminhada na qual, de mãos dadas, trilhamos o caminho da sabedoria. E também por confiarem-me os seus saberes e fazeres ancestrais.

Aos colegas das escolas Nhamandu Nhemopu'ã e Dr. Genésio Pires, os quais abraçaram esta pedagogia da alternância e esta interdisciplinaridade de saberes, estando sempre dispostos e atenciosos às demandas, apoiando e visando sempre o melhor para a Educação do/no Campo dos nossos estudantes.

Aos mestres do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza/UFRGS – Campus Porto Alegre, sou grata por todos os saberes que trocamos ao longo deste curso e em especial aos professores da Educação em Ciências Naturais, Tatiana Souza de Camargo e José Vicente Lima Robaina, os quais, sem a orientação e carinho, nada seria tão significativo à minha vivência pessoal, acadêmica e profissional.

Aos colegas da primeira turma, grata por todos os conselhos e abraços que me fortaleceram a cada momento difícil que passamos nas nossas comunidades e na faculdade.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel. **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 1998.

BENVENUTI, Jussara (Org.). **Educação Indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas**: produções do curso de especialização PROEJA indígena. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Educação Escolar Indígena: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias guarani. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 197-213, maio/ago., 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622007000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622007000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 03 de mar. de 2018.

COUTINHO, D.F.; TRAVASSOS, L. M. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no Estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 7-12, jan./jun., 2002. Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:c\\_bt3GyRiKQJ:https://revistas.ufpr.br/academica/article/download/493/406+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:c_bt3GyRiKQJ:https://revistas.ufpr.br/academica/article/download/493/406+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 10 de fev. de 2018.

FUNAI. Guarani, História e cultura. **Povo Guarani**, 2018. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2001.

PPP. **Projeto Político Pedagógico** - Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Nhamandu Nhemopu'ã. Elaboração: 2 de setembro de 2015. Acesso em: 12 de abril de 2018.